



Por uma greve com autonomia do movimento estudantil

O movimento estudantil no curso de Letras está prestes a aprovar uma greve. Perante este quadro, é natural a insegurança de muitos estudantes quanto à efetividade dos métodos do setor. A insegurança é reflexo da combinação da vontade de luta dos estudantes com a inércia ou morosidade das direções estudantis, que procuram a via da máxima postergação, ou mesmo bloqueio da deflagração da greve, preferindo os “dóceis” e “confortáveis” caminhos da conciliação com a burocracia universitária, ou da subordinação do movimento estudantil ao dos docentes. A insegurança ou questionamentos desses estudantes devem ser tomados com cautela para não arruinar a independência e o impulso do movimento estudantil. A tendência de luta está colocada, e, com ela, a possibilidade de solucionar o problema gritante da falta de professores. Solução essa ainda não concretizada por responsabilidade integral das direções estudantis, que ludibriam os estudantes com a “espera necessária”, com a “melhor organização necessária”, com a lista infinita dos quesitos “necessários”, precedentes à greve. Ocorre que, por detrás dos “infinitos necessários”, está a posição política contra a greve.

O Caell empurra os estudantes da Letras a se subordinarem aos docentes. No entanto, o conflito de interesses entre professores e estudantes, que pode não parecer claro num primeiro momento, logo se manifesta. Professores efetivados estão especialmente preocupados com a política de “mérito” da universidade, que afeta não apenas a contratação de docentes, mas muitos projetos de pesquisa, cultura e extensão da universidade. Aí encontra-se a origem do posicionamento dos professores contra o piquete, que eles expressaram durante a paralisação dos dias 29 e 30/08: com o prédio interditado, é impossível aos professores manter certos projetos pelos quais recebem e manejam recursos.

E não faltam evidências do reflexo desse vínculo institucional dos professores. Além das falas de muitos contra o piquete – especialmente do chefe do DLM, Adrián Pablo Fanjul, agente histórico no bloqueio de diversas mobilizações de estudantes de Letras –, ficamos sabendo, na paralisação, que uma professora do Coreano chegou a propor o descredenciamento de optativas que não têm sido oferecidas, e que um professor da Linguística propôs que se realocassem vagas de docentes de outros cursos da FFLCH (nomeadamente da Geografia) para o curso de Letras. Estas seriam formas de evitar,

não de conquistar, a contratação de docentes, fazendo o movimento estudantil abrir mão de parte de suas reivindicações. É uma postura de derrota.

Essa pressão dos professores – que surtiu efeito sobre a direção do Caell – para arruinar o movimento dos estudantes ficou mais evidente quando, em reunião aberta online do GT Letras em Luta, realizada no dia 06/09, ou seja, durante o feriado de semana da pátria, decidiu-se, com cerca de apenas 30 participantes e à revelia da assembleia de 22/08, adiar a assembleia de 12/09 com indicativo de greve para o dia 14/09, com a justificativa de que o GT já teria muitas atividades próximas, especialmente a participação na assembleia da Adusp (Associação de Docentes da USP) no dia 13/09, da qual o CAELL foi convidado a participar com voz. Com isto, dá-se a oportunidade de que as deliberações da assembleia da Adusp sirvam para pressionar a assembleia de estudantes da Letras contra a greve ou, ao menos, contra o piquete.

Historicamente, os professores não costumam agir como propulsores do movimento estudantil, mas como seus algozes. E isto se dá em razão de seu vínculo material com a instituição, como explicado acima, somado à hierarquia institucional, que os coloca acima de estudantes e funcionários. Daí a importância de os estudantes preservarem sua independência com relação aos professores, sem necessariamente abrir mão do apoio e participação dos professores na greve estudantil.

Nós, estudantes da Letras, não podemos nos subordinar a nenhum outro setor da universidade. A independência de nosso movimento reside no exposto direito que temos em deliberar nossa linha política e os métodos para implementá-la. Erguer nosso movimento é um ato legítimo e urgente! Mas, ele se concretizará se confiarmos apenas em nossas próprias forças, o que pressupõe superar as direções que aí estão, e agir contra nós.

Construir a greve estudantil de forma autônoma! Que o CAELL, enquanto nossa entidade de luta, preserve a independência do movimento dos estudantes, ao invés de submetê-lo aos interesses docentes que estão em velado conflito com os interesses estudantis!

Erguer a Greve!

Dia 14 de Setembro, todos à assembleia da Letras: aprovar a Greve!



DEBATE SOBRE A GREVE DE 2002:
dia 11/09 – às 18h30,
em frente ao prédio da Letras.

Venha!

Com a participação de estudantes da Letras de 2002.